



OS CRUCIFICADOS DA HISTÓRIA: LUGAR DA IGREJA ONTEM E HOJE

Miguéias Pascoal Lima de Carvalho¹

Resumo

Nossa sociedade continua a gerar pobres, e, conseqüentemente, a injustiça se manifesta na vida destes. A Igreja é, portanto, chamada a colocar-se ao lado dos empobrecidos como sinal evangélico e de compromisso com o reino. O lugar da Igreja na vida dos crucificados deve ser motivo de alegria de quem fez e continua a fazer a opção do reino de Deus. De diversos modos o mundo ainda abriga muitos crucificados. Seja pelas injustiças, as desigualdades sociais, culturais, econômicas, políticas etc; seja pelas realidades de violência, de indiferença e práticas que ferem a dignidade do ser humano. Em todo caso, o princípio misericórdia torna-se um imperativo para que a comunidade figure, nesse mundo, como uma Igreja identificada com a práxis de Jesus e, portanto, de Jesus. Este presente artigo tem como objetivo refletir sobre os pobres que ao longo da história são massacrados pela injustiça, humilhação, miséria, são o lugar da vida Igreja. A opção de Jesus pelos menos favorecidos se torna condição para seus discípulos. Bem como objetiva também entender a misericórdia de Deus como princípio desta opção e conseqüentemente, como princípio da práxis cristã. Esta pesquisa se dá na análise bibliográfica, a partir do pensamento de Jon Sobrino, especialmente sua obra *O Princípio Misericórdia*.

Palavras-Chave: Crucificados da história. Pobres. Igreja. Misericórdia.

INTRODUÇÃO

Bem sabemos que todos que sofrem, como todos os que são marginalizados, merecem receber da Igreja seu amor compaixão e acolhida, não por escolha, mas por seguimento convicto ao Evangelho. Olhar para a realidade e compreender seus desafios é conceber no princípio misericórdia como critério que deve nortear a práxis enquanto comunidade de fé, enquanto Igreja de Jesus. Ora, a quantidade de pessoas que morrem, que são submetidas ao sofrimento fruto da injustiça, soa como grito, como um clamor para que a Igreja se faça mãe,

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduado em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN. Com ênfase em Eclesiologia, Teologia Pastoral e Teologia da Missão. Atualmente, cursando pós-graduação em Missiologia no Instituto São Tomás de Aquino – ISTA em Belo Horizonte/MG. Estou como aluno do Mestrado em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. miqueiaspascoal@gmail.com



misericordiosa e advogada de suas causas, assim como Jesus que no seu tempo se colocou a serviço dos que mais sofriam, assumindo suas dores, suas causas e suas vidas.

A misericórdia deve ser a ação da Igreja que se coloca ao lado dos mais frágeis e sofridos da história. Nossa pesquisa está fundamenta no pensamento de Jon Sobrino, buscando compreender a opção da Igreja pelos pobres. Nossa pesquisa tem grande relevância na Igreja e sua discussão em sociedade cresce em virtude do grande número de pobres relegados ao esquecimento e marginalidade pelo predatório sistema econômico. Os pobres continuam sendo gerados, daqui parte nossa intenção em aprofundar esta pesquisa, pois é preciso que se questione as formas de ver e agir com os pobres. A misericórdia é princípio, portanto, o lugar da Igreja é com os empobrecidos, não apenas destinando ações em favor deles.

1 A IGREJA COM OS CRUCIFICADOS

Para sermos uma Igreja que se coloca de forma clara ao lado pobres, é preciso que reconhecamos que seu lugar é exatamente ao lado dos crucificados da história, daqueles que são indignamente olhados, cruelmente tratados e dolorosamente excluídos. Ao longo da história são muitos os que são excluídos, tratados como objetos, seres sem dignidade. Encontrar o lugar da Igreja na vida dos crucificados deve ser motivo de alegria de quem fez e continua a fazer a opção do reino de Deus. “Uma Igreja verdadeira é, antes de tudo, uma Igreja que se parece com Jesus.”² Não é uma informação inadequada ou então, muito repetida, mas deve ser o que constitui a própria Igreja: parecer com Jesus.

Parecer-se com Jesus é reproduzir a estrutura de sua vida. Segundo os evangelhos, isto significa *encarnar-se* e chegar a ser carne real na história real. Significa *levar a cabo uma missão*, anunciar a boa

² SOBRINO, Jon. **O princípio misericórdia**: descer da cruz os crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 31



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

notícia do reino de Deus, iniciá-lo com sinais de todo tipo e denunciar a espantosa realidade do anti-reino. Significa *carregar o pecado do mundo*, sem ficar somente olhando-o de fora – pecado, certamente, que continua mostrando sua maior força no fato de causar morte a milhões de seres humanos. Significa, certamente, *ressuscitar*, tendo e dando aos outros vida, esperança e alegria.³

Parecer-se com Jesus é assumir sua identidade e optar pelo seu reino, colocando os pobres como seus prediletos. São muitas as formas de crucificados que ainda hoje são manifestadas na nossa história. A Igreja precisa ser um sinal de luz, de esperança e de libertação para os crucificados em todos os tempos, contextos e lugares. Todo sofrimento, todos os que são marginalizados, merecem receber da Igreja seu amor compaixão e acolhida⁴.

Em cada lugar, cada comunidade específica, sem dúvida, existem aqueles que olhamos e dizemos que são os crucificados da história real. Encontramos ali, o lugar e urgência de sermos a Igreja que se parece com Jesus de Nazaré. Se fazendo próximo, amando e dando vida a essas pessoas⁵. Pensar nos sofrimentos dos crucificados locais nos leva a perceber que o mundo tem milhões de crucificados. “Quantitativamente, o maior sofrimento neste planeta com mais de cinco bilhões de seres humanos é a pobreza, que leva à morte e a indignidade ligada a ela, continuando a ser esta a maior ferida.”⁶

No início do evangelho Mt 5,3 os pobres são proclamados de felizes porque deles é o reino dos céus. Com efeito, em Mt 25,31-46 são colocadas as condições e/ou situações de pobreza a partir da própria lógica de Jesus, quando tiveram fome, quando tiveram sede, quando estavam forasteiros, quando estavam nus, quando estavam doentes, quando estavam presos.⁷ Se é assim, não há dúvida de que

³ SOBRINO, 1994, p. 31

⁴ SOBRINO, 1994, p. 40

⁵ SOBRINO, 1994, p. 40

⁶ SOBRINO, 1994, p. 40-41

⁷ Mt, 25,35-36



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

132

O lugar da Igreja é o ferido no caminho – conhecida ou não, física e geograficamente, esse ferido com o mundo intra-ecclesial –; o lugar da Igreja é o ‘outro’, a alteridade mais radical do sofrimento alheio, sobretudo quando é em massa, cruel e injusto.⁸

Nesse sentido, a Igreja precisa descer da cruz os pobres todos os dias.⁹ A propósito, descer da cruz os pobres é a razão pela qual a Igreja assemelha-se a Jesus. Não obstante, a descida desses crucificados das cruzes, além de eliminar o sofrimento cria o espaço para o perdão dado aos opressores, cria, um pouco por vez, uma cultura de paz.¹⁰ Por esta razão, para Sobrino, “os povos crucificados oferecem uma fé, um modo de ser Igreja e uma santidade mais verdadeiros e mais cristãos, mais relevantes para o mundo atual e mais recuperadores de Jesus.”¹¹

Diante disso, podemos afirmar que dentro desta perspectiva, o mundo dos crucificados, dos pobres, nos oferece muito mais que trabalho ou ações de caridade, mas, um horizonte à Igreja, uma tarefa para que se faça mais configurada com Jesus e sua parcialidade, com Jesus e sua práxis de salvação e libertação.¹² Sendo assim, não podemos pensar a salvação sem que sejamos uma Igreja no meio dos crucificados da história de ontem, de hoje e de sempre.

2 A MISERICÓRDIA COMO PRINCÍPIO DO DISCIPULADO

É importante ressaltar e afirmar que, se o lugar da Igreja é com os pobres e crucificados da história, logo, a força maior, é a misericórdia de Deus. O princípio dessa opção da Igreja parte de Jesus que manifestou a misericórdia de Deus. “Não existe nada anterior à misericórdia para motivá-la, nem existe nada mais além dela para relativizá-la ou recusá-la”.¹³

⁸ SOBRINO, 1994, p. 39

⁹ SOBRINO, 1994, p. 90

¹⁰ SOBRINO, 1994, p. 94

¹¹ SOBRINO, 1994, p. 94

¹² SOBRINO, 1994, p. 94

¹³ SOBRINO, 1994, p. 35



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

Neste sentido, “A partir da fé cristã devemos dizer que a misericórdia é a única reação verdadeiramente humana diante do sofrimento alheio que, uma vez interiorizada, se transforma em princípio de atuação e de ajuda solidária a quem sofre”.¹⁴ Amar a Deus e ao próximo é condição básica, única e essencial para ganhar a vida eterna. “Faze isso e viverás”.¹⁵ Quando surge a tentativa de se justificar do legista, perguntou pelo próximo, então Jesus contará a parábola do bom samaritano.

À luz do reino de Deus, podemos dizer que o samaritano é exemplo de quem tem uma práxis, que realiza esse reino. Quando o homem é assaltado, espancado e fica caído na estrada¹⁶, passa por ele no caminho um sacerdote que “viu-o e passou adiante”¹⁷. Também passou pelo homem caído na estrada um levita que “atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu”¹⁸. Por fim, um samaritano passa pelo caminho. “Chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão”¹⁹. Jesus perguntará qual deles agiu como próximo, que amou, que cuidou, que fez a vontade de Deus.²⁰ Certamente muito constrangido o legista responde que foi o samaritano e diz: “Aquele que que usou de misericórdia para com ele”²¹. Ora, Jesus fecha toda questão dizendo: “Vai, e também tu, faze o mesmo”.²²

A parábola do samaritano nos ajuda a entender que a Boa Nova aos pobres rompe com os paradigmas estabelecidos, e é ação salvífica de Deus. Os homens da Lei deveriam ter cuidado do homem caído, mas passaram adiante, não se moveram de compaixão, não sabem o que é a misericórdia de Deus. Nunca fizeram uma experiência de Deus amor, apenas das leis da sua religião distante de Deus. “O

¹⁴ PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus**: Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 182

¹⁵ Lc 10,28

¹⁶ Lc 10,30

¹⁷ Lc 10,31

¹⁸ Lc 10,32

¹⁹ Lc, 10,33

²⁰ Lc 10,36

²¹ Lc 10,37

²² Lc 10,37



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

134

sacerdote e o levita, fechados em seu sistema jurídico, não estão em condição de reconhecer a vontade de Deus, que se efetua no amor para com o próximo”.²³

No entanto, um homem considerado impuro pelos judeus sente compaixão e quebra as barreiras preconceituosas da religião e se aproxima com amor, com misericórdia. “Só o samaritano, um herege fora da lei, faz realmente a vontade de Deus, porque é aberto ao amor”²⁴. O Reino de Deus não comporta preconceito e impurezas, mas a abertura ao amor, festa, alegria, compaixão. Quando o samaritano se move de compaixão, dá a mais bela demonstração de que entende a dinâmica do reino de Deus. “A parábola não nos diz o que o samaritano pensou nem com que finalidade agiu. A única coisa que nos é dito é que agiu ‘movido por misericórdia’”.²⁵ Jesus convida a comunidade a ser samaritana, convida Israel a converter-se com o exemplo do samaritano.

A misericórdia é o princípio fundamental da atuação de Deus e que configura toda a vida, a missão e o destino de Jesus. Diante do sofrimento, não há nada mais importante do que a misericórdia. Ela é a primeira coisa e a última. O princípio ao qual se deve subordinar todo o resto. Também a Igreja.²⁶

Jesus quer ensinar, mostrar a comunidade que não pode esquecer que neste princípio fundamento está a origem da vida cristã e a sua finalidade.²⁷ O que não pode ser apenas obras de misericórdia, mas postura de vida, sensibilidade de coração para olhar o outro diante de sua miséria e sofrimento. “É um fundamental perante o sofrimento alheio, em virtude do qual se reage para erradicá-lo”.²⁸

Não obstante, olhando para Jo 8,1-11, no famoso relato da mulher adúltera também encontramos uma expressão de que o reino de Deus pautado no princípio da misericórdia rompe com a legitimidade da religião estabelecida. Quando os

²³ FABRIS, Reinaldo; MAGGIONI, Bruno. **OS Evangelhos II**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 127

²⁴ FABRIS, 2006, p. 126-127

²⁵ SOBRINO, 1994, p. 34

²⁶ PAGOLA, 2012, p. 183

²⁷ SOBRINO, 1994, p. 36

²⁸ SOBRINO, 1994, p. 36



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

homens trazem a mulher adúltera querendo, na verdade pôr Jesus a prova²⁹, e colocam-na no meio, humilhando-a e expondo-a, esperam de Jesus uma condenação. Jesus não inicia estabelecendo um juízo, mas lança um desafio: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”³⁰.

Diante dessa pergunta, foram saindo, um a um, sem atirar nenhuma pedra. O fato é que todos os acusadores eram pecadores. Além disso, bem sabemos que numa cultura machista os homens são mais responsáveis pelo adultério do que as mulheres.³¹ Uma vez que saíram, Jesus ficou sozinho com a mulher humilhada, e a ela “se dirige com ternura e respeito [...]. De seus lábios não sairá nenhuma condenação”³². Olhou para mulher com amor e não a condenou. Apenas amou!

Sua atitude em relação à mulher não ilude o problema, não é um descompromisso. Jesus é o Filho de Deus, ele não é pecador, ele pronuncia o juízo; mas é um juízo feito de perdão e de convite à conversão. É verdadeiramente o juízo de Deus.³³

Jesus não apresenta uma lista de pecados, mas apresenta sua vida como doação para gerar vida naqueles que mais sofrem. Por isso, “o primeiro olhar de Jesus não se dirige ao pecado das pessoas, mas ao sofrimento que arruína suas vidas.”³⁴ É uma nova perspectiva para os pobres que sempre foram condenados, humilhados e, em última instância, responsabilizados pela sua condição de pobreza e/ou miséria. Jesus inaugura o tempo de liberdade, graça, vida para os pobres.³⁵ Por esta razão, entendemos que

Só é possível viver e anunciar Jesus Cristo a partir da defesa dos últimos e da solidariedade com os excluídos. Se o que fazemos e proclamamos a partir da Igreja de Jesus não é captado como algo

²⁹ Jo 8,6

³⁰ Jo 5,7

³¹ Jo 5,9

³² PAGOLA, 2013, p. 124

³³ FABRIS, 2006, p. 363

³⁴ PAGOLA, 2012, p. 78

³⁵ PAGOLA, 2012, p. 78



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

libertador pelos que mais sofrem, que Evangelho estamos proclamando?³⁶

Se o reino de Deus se impuser, como nos diz Pagola³⁷, os pobres serão felizes. O verdadeiro cristão deve estar assim como Jesus, ungido pelo espírito para anunciar a Boa Nova, a começar pelos pobres, falando da libertação e vida para todos, apresentando a misericórdia como ação que configura a vida cristã.

Entretanto, convém ressaltar e insistir que “a misericórdia não é a única coisa que Jesus exercita, mas é o que está em sua origem e o que configura toda sua vida, sua missão e seu destino”.³⁸ O princípio misericórdia nasce, portanto, da profunda experiência de intimidade de Jesus com o Pai. Em Jesus mudamos nossa mentalidade sobre Deus, conhecemos de verdade a misericórdia como rosto de Deus e como ação que deve configurar a vida humana e práxis da Igreja.

A partir de sua experiência radical da compaixão, Jesus introduz na história um princípio decisivo de ação: “Sedes compassivos como vosso Pai é compassivo”. A compaixão é a força que pode mover a história para um futuro mais humano. A compaixão ativa e solidária é a grande lei da dinâmica do reino. A lei que nos levará a reagir diante do clamor dos que sofrem e mobilizar-se para construir um mundo mais justo e fraterno. É esta a grande herança de Jesus que nós cristãos precisamos recuperar hoje em nossas paróquias e comunidades.³⁹

Olhar para nossa realidade e compreender seus desafios é conceber o princípio misericórdia como critério que deve nortear a nossa práxis enquanto comunidade de fé, enquanto Igreja de Jesus, como resposta a essa realidade. Como também, a forma como a Igreja se coloca no mundo diz o modo como ela se autocompreende e em quem ela busca construir a sua identidade; em Jesus ou nas estruturas desse mundo. Se luta pelos pobres, se promove a vida, está enraizada

³⁶ PAGOLA, 2012, p. 81

³⁷ PAGOLA, 2013, p. 81

³⁸ SOBRINO, 1994, p. 37

³⁹ PAGOLA, José Antonio. **Voltar a Jesus:** para a renovação das paróquias e comunidades. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 76



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

137

claramente na proposta do Evangelho. Se esquece dos pobres ou relega a sua causa às instituições sociais é bem provável que não esteja muito afim com a parcialidade de Jesus.

Ser Igreja pobre para os pobres é ser, como Jesus foi, um sinal de contradição ao mundo que fabrica pobres e empobrecidos, e ao mesmo tempo, símbolo/sinal do Reino. A Igreja é mais crívelmente um sinal de salvação e do Reino à medida que “[...] num contexto de injustiça institucionalizada e exclusão das minorias, assume as contradições e os conflitos presentes em seu entorno [...]”.⁴⁰ É pouco crível assumir-se como sinal e/ou sacramento de salvação, mas não assumir os sofrimentos e as contradições vividas pelos pobres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouvir o grito dos pobres é fazer experiência com um Deus que se abaixa para escutar o clamor do seu povo, tem compaixão do seu sofrimento e, numa atitude de amor-justiça o liberta com carinho e proteção. Se é assim, a opção por uma Igreja pobre e a libertação dos pobres não é, nem de longe, uma luta simplesmente social. É, antes de tudo, evangélica, é a repetição da ação do Deus parcial e libertador. Por esta razão, a Igreja reconhece que a exigência de ouvir o clamor dos pobres deriva da própria obra libertadora de Deus.

Assim, a Igreja ao lado dos crucificados da história apresenta esperança de transformação e de luta, em que os pobres têm um caminho de libertação e de vida digna. Olhando para a realidade social, política, econômica, cultural e religiosa, nas quais se encontra tanta injustiça, miséria, desigualdade social e tantas mazelas que roubam a dignidade da pessoa humana, parece-nos evidente que a Igreja precisa assumir o lado dos mais fragilizados. A missão da Igreja passa pelo desafio de

⁴⁰ GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho.** São Paulo: Paulinas, 2017. p. 316



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião

Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

138

enfrentar as realidades que insistem na fabricação de pobres e empobrecidos, nas realidades que igualmente ferem e até roubam a dignidade da pessoa humana.

Desafios, dificuldades e tribulações fazem parte da ordem da Igreja de Jesus. Nesse sentido, é até natural que pensar a identidade e missão da Igreja hoje a partir dos pobres seja um tema e/ou uma tarefa marcada por dúvidas, críticas e dissensões. De todo modo, respeitadas as disposições contrárias, não se pode negar sem com isso trair o evangelho que Jesus é modelo perene para a Igreja, para eclesiologia, para a vida cristã.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2004.

FABRIS, Reinaldo; MAGGIONI, Bruno. **OS Evangelhos II**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **50 anos de Medellín**: revisitando os textos, retomando o caminho. São Paulo: Paulinas, 2017.

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus**: Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012.

PAGOLA, José Antonio. **Voltar a Jesus**: para a renovação das paróquias e comunidades. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOBRINO, Jon. **O princípio misericórdia**: descer da cruz os crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994.